

# EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i32p1-8>

O Surrealismo foi o movimento com maior e mais diversificado impacto do período que, grosso modo, corresponde ao tempo cultural, político, ideológico e criativo que reconhecemos como nosso e que determina os principais conflitos, dicotomias e incertezas contemporâneos. Qualquer leitura do contexto profundo do momento em que o movimento surrealista emergiu depende, necessariamente, de termos em consideração os excessos e confrontos civilizacionais que conduziram ao apogeu e decadência vertiginosos do paradigma do Ocidente moderno.

O Surrealismo é, acima de tudo, um efeito de ressaca produtiva do confronto com os principais esteios de uma civilização que acabara por se deixar dominar pelos efeitos alienadores do seu próprio egocentrismo agressivo, assente num horizonte racionalista, esquematicamente hierárquico e colonialista, contrário a todos os discursos que visavam salientar a importância da individualidade criadora. O continente europeu que saiu dos escombros e traumas colectivos produzidos pela I Guerra Mundial, primeiro grande palco expressivo da queda violenta de uma máscara estreita partilhada pelos adversários de ontem e de hoje, foi o cenário ideal para um grito de desespero e alternativa, que encontrou em André Breton um catalisador adequado e nas ruas míticas de Paris um cenário perfeito para a consolidação do mais plural e flexível ponto de encontro entre artistas de todo o mundo.

Ao surgir em 1924, o *Manifesto do Surrealismo* de Breton deu o tom para uma revolução que se alargou a todo o globo com a velocidade que só o mundo moderno poderia proporcionar, salientando desde logo a relação complexa entre individualidade e colectivo que marcaria os debates mais veementes do movimento. Com efeito, nas próprias páginas tantas vezes relidas, citadas e reelaboradas do *Manifesto* encontram-se a combinação singular de intuições pessoais e reivindicações colectivas, o casamento entre discurso programático e passagens poéticas, a evidência de expressões muito concretas de consciência dos problemas enfrentados pela cultura ocidental lado a lado para aberturas sugestivas às suas margens mais persistentemente edificadas. Contudo, o movimento



cultura portuguesa, casos de António Pedro, Mário Cesariny de Vasconcelos, Alexandre O'Neill, Fernando Lemos, António Maria Lisboa, Artur do Cruzeiro Seixas, Mário-Henrique Leiria, Carlos Eurico da Costa, Pedro Oom, Vespeira, António José Forte, Manuel de Castro, Ernesto Sampaio, Isabel Meyrelles, entre outros. Habitando o mesmo contexto cultural em que surgiram e se manifestaram outros vultos maiores da cultura portuguesa, como Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eduardo Lourenço, José-Augusto França, Carlos de Oliveira, Herberto Helder, Natália Correia, Luiz Pacheco, entre muitos outros, estes poetas e artistas deixaram bem vincada, em três agrupamentos de espessura e contornos muito distintos, a diversidade de manifestações em que o movimento surrealista poderia ter expressão, sobretudo num contexto imediatamente subsequente à primeira edição continuada das obras de Fernando Pessoa.

A polémica e a cisão, essa imagem de marca dos grupos vanguardistas, e em particular daquele que abrangeu e potenciou as suas intenções de um modo mais amadurecido e plural, acabaram por determinar muitas das expressões mais criativas do movimento surrealista português, contribuindo também para o impacto persistente desse influxo nas gerações subsequentes. Esse impacto deu-se através de domínios tão proeminentes como o apelo intransigente para a compreensão da arte e da vida como elementos conjugados de uma exigência de libertação individual e colectiva, a afirmação do imaginário como potência devoradora das falsas figurações do real, a associação livre de imagens e de referentes, a prática de processos colaborativos de produção literária e plástica, a diversidade de domínios expressivos aos quais os surrealistas se dedicaram e, dela derivando, o recurso experimental a novas práticas, vocabulários, materiais e processos associativos.

Importa referir, nesta breve síntese, aquela que será a mais relevante manifestação do lugar conquistado pelos surrealistas portugueses no panorama mais vasto do movimento surrealista mundial. Agora que celebramos, também, o cinquentenário do 25 de Abril de 1974, não deverá esquecer-se que foi esse grande momento revolucionário português, com impacto igualmente global, a determinar um dos mais ambiciosos projectos de Mário Cesariny, principal rosto organizador e dialogante do movimento português. Referimo-nos à antologia *Textos de*

*Afirmção e de Combate do Movimento Surrealista Mundial*, publicada em 1977, na qual o poeta, artista plástico e crítico maior que foi Cesariny apresentou um panorama abrangente, plural, conciliatório, vitalmente vocacionado para os grandes combates de todos os tempos, a começar pelos relacionados com os imperialismos persistentes na segunda metade do século XX e para o ambiente inquietante da Guerra Fria.

Nesse livro, um autor português conseguiu evidenciar que, a despeito do prolongado silenciamento a que o movimento nacional tinha sido votado pelos seus congéneres europeus e mundiais, a começar pelo núcleo inevitavelmente convertido em padrão ortodoxo que continuara a pontificar em Paris, era possível um olhar desde as margens do Surrealismo exprimir a riqueza do património comum que o movimento ajudara a sedimentar. Num tempo marcado pelos ecos do polémico texto de Jean Schuster no *Le Monde*, declarando o fim do grupo surrealista parisiense em 1969, o Surrealismo apareceu aos olhos dos vários agrupamentos mais ou menos devedores do paradigma bretoniano como um abismo capaz de abranger na sua promessa de inesperado as mais diversas consciências, sempre em busca de novos espaços de fronteira e de diálogo. Esse projecto é devedor de encontros muito produtivos, desde logo os que Cesariny manteve com Laurens Vancrevel, importante figura do movimento holandês, ou de Sergio Lima (este ano falecido), grande expoente do Surrealismo em São Paulo ao lado de Claudio Willer, Leila Ferraz, Raul Fiker, Floriano Martins – que estabeleceu grande diálogo com os surrealistas sul-americanos – e, mais recentemente, Alex Januário e o grupo Decollage, além outros nomes que flertaram com o Surrealismo, como é o caso expressivo de Roberto Piva. Através desse momento singular da segunda metade da década de 60, em que Cesariny ousou partir ao encontro dos outros surrealistas além-fronteiras para reivindicar o direito de cidadania dos surrealistas portugueses, proporcionou-se também o inevitável diálogo entre dois afluentes produtivos do Surrealismo em língua portuguesa. Sergio Lima, com os dois tomos da obra *A Aventura Surrealista*, será provavelmente o mais relevante herdeiro da obra de Mário Cesariny no Brasil e um grande diplomata da causa surrealista, por assim dizer, uma vez que conheceu André Breton e estabeleceu a ponte entre os surrealistas portugueses e os surrealistas franceses.

O presente dossier da *Desassossego*, dedicado ao Surrealismo em língua portuguesa, reúne um total de nove ensaios e duas entrevistas. O conjunto apresenta uma panorâmica abrangente de alguns dos eixos determinantes do movimento surrealista português e brasileiro, organizando-se de acordo com os seguintes critérios: em primeiro lugar, publicam-se dois ensaios que visam respetivamente um dos precursores mais interessantes, mas menos lembrados do movimento português, Raul Brandão, e um dos poetas representativos do tempo surrealista, mas que nunca chegou a pertencer ao movimento, caso de Jorge de Sena.

Apresentam-se depois três ensaios ilustrativos dos dois principais grupos surrealistas portugueses, um em torno de António Pedro, outro em torno de Mário Cesariny e do seu interesse por Maria Helena Vieira da Silva e um terceiro sobre o poeta e escritor Mário-Henrique Leiria. Seguem-se três contributos sobre um poeta da segunda geração surrealista portuguesa, pouco conhecido além-fronteiras e com uma obra ainda bastante dispersa, Manuel de Castro. Finalmente, homenageia-se Sergio Lima no ano da sua morte, assinalando também o encontro entre os dois grandes contextos surrealistas em língua portuguesa.

Seguem-se, para complementar o número, duas entrevistas. Em primeiro lugar, a transcrição de uma conversa com Isabel Meyrelles, escultora e poeta quase centenária, com grandes ligações aos grupos surrealistas portugueses, que conviveu em Paris com alguns dos mais relevantes vultos do movimento internacional. Finalmente, uma entrevista a Clara Crabbé Rocha, filha do poeta e escritor Miguel Torga e da ensaísta Andréa Crabbé Rocha, que apresenta algumas considerações importantes sobre um dos mais recentes volumes da colecção de essenciais da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, *O Essencial sobre o Surrealismo Português*.

\*\*\*

Na seção *Vária* desta edição, primeiramente, apresentamos sua nova editora, Talita Lilla, que passa a compor o corpo editorial da revista neste número e já demonstra um excelente tino e rigor para dar continuidade à *Revista Desassossego*. Bem-vinda!

Sobre os textos publicados nesta seção, o artigo "Dom Bibas: O Bobo da Corte Responsável pelo Futuro de Portugal em *O Bobo*, de Alexandre Herculano", de Arlene Rosa Eustáquio, explora como a figura de um

histrião vingativo molda o destino político de Portugal. O ensaio destaca a ironia do autor ao centralizar a resistência lusitana ao domínio espanhol em 1128 na figura do bobo e vale-se das teorias de Bakhtin, Minois e Foucault para a análise dos textos.


Em seguida, Susana de Oliveira Teixeira Vieira nos apresenta "Era um Som que Eu Via — Maria Velho da Costa e o Engajamento entre o Verbo e a Imagem". A partir de articulações com o pensamento de teóricos da envergadura de Agamben e Greimas, o artigo investiga a interseção entre palavra e imagem no texto "A vista", que desafia os limites da poética clássica por meio de uma estética pós-moderna. Já em "Movimentos de Paisagem na Poesia de Herberto Helder: Desdobramentos", Solage Damião analisa a concepção de paisagem na poesia de Herberto Helder. A construção do espaço na obra do autor resultaria de uma intensa relação entre sujeito, lugar e representação, transmitindo a experiência do poeta de se deslocar sobre o mundo como corpo em movimento.

O espaço também é um dos protagonistas em "A Poesia é a Rua: o Graffiti como Modelo Poético e Político para E. M. de Melo e Castro", de Augusto Correa Cipriani, que fecha a seção. O artigo examina os escritos de Ernesto de Melo e Castro sobre o graffiti produzido durante o fim do Estado Novo, entendendo esse fenômeno como vanguarda artística e política, a partir de uma leitura semiológica dos signos verbais e visuais que o compõem. Analisando duas obras de dois grandes autores portugueses do século XX, Fernando Pessoa e Raul Brandão, Carlos Conte Neto traz uma análise comparativa que tem como eixo central o sonho e sua representação na literatura. Seguindo a mesma linha de perscrutar uma temática, Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro realiza um estudo sobre o exílio na poesia em língua portuguesa, chegando à ideia de saudade para a compreensão do exílio na cultura lusófona. Fechando a seção e abrindo caminho para o conjunto de Entrevistas que completam o dossiê "Surrealismos em português" vem o texto de Aline Leão do Nascimento, "Uma imaginação concreta", cujos poemas de Murilo Mendes, em sua experiência transnacional, compõem o livro *Tempo espanhol*.

Contamos ainda com a seção *Outros Desassossegos*, em que são publicados textos poéticos pertencentes aos mais diversos gêneros ou hibridizações literárias. A seleção deste número traz textos em prosa e verso. Abrimos com o texto de Emerson Patrício de Moraes Filho, "O novo funcionário", que foi submetido junto com "O zelador do canil"

(*Desassossego*, v. 15, n. 30, p. 346-347) e é agora publicado. Seguimos com dois poemas: “Do quinze ao vinte e um”, de Edi Rodrigues, e fechamos o número com “Crônica do luso engano”, de Lucas Emanuel Soares Meira.


Boa leitura!  
Os editores.

Licença: 

Rui Sousa

Investigador do Grupo 1 do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. Mestre em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e Doutor em Estudos de Literatura e de Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.


Contato: [ruidnsousa@gmail.com](mailto:ruidnsousa@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-2810-0092>

Ana Cristina Joaquim

Pós-doutoranda em Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com estágio na Universidade Nova de Lisboa. Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharel e Licenciada em Letras/Português pela Universidade de São Paulo e Graduada em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu. Realizou estágio pós-doutoral em Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas.


Contato: [wiquen@gmail.com](mailto:wiquen@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-7227-0195>

Lúcia Liberato Evangelista

Pós-doutoranda no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. Doutora e Mestra em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará.


Contato: [luciaevan1980@gmail.com](mailto:luciaevan1980@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0189-9591>

Annie Gisele Fernandes

Professora de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo, com estágio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestra em Teoria e História Literária e Bacharel e Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas. Membro da Casa da Escrita (Coimbra/Portugal) e do Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea (UFMG).

Contato: [anniefer@usp.br](mailto:anniefer@usp.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-2340-5599>

Carlos Gontijo Rosa

Professor de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre. Professor colaborador externo e pós-doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Investigador visitante no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho e do CC Lab da Universidade de Exeter. Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.


Contato: [carlos.rosa@ufac.br](mailto:carlos.rosa@ufac.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-6648-902X>

Talita Lilla

Doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos Pessoanos.

Contato: [talita.lilla@usp.br](mailto:talita.lilla@usp.br)

 <https://orcid.org/0009-0008-9785-0939>